

Adela e o bicentenário da Vida Religiosa Marianista

No início de janeiro de 1816, Adela comunicava à suas amigas que aspiravam à Vida Religiosa, que o padre Chaminade desejava receber uma carta pessoal de cada uma. Acompanhemos o processo e o início das Filhas de Maria Imaculada.

ADELA, CORAÇÃO GRANDE

A vida religiosa marianista, quer dizer, as Filhas de Maria Imaculada, fundadas por Adela Batz de Trenquelléon e o beato Guilherme José Chaminade, e a Companhia de Maria, fundada por este último no ano seguinte, estão celebrando o Bicentenário de sua criação. Iniciou-se no dia 25 de maio de 2016 e terminaria no dia 22 de janeiro de 2018, porém com a recém aprovação do processo de beatificação de Madre Adela, as comemorações serão estendidas até o dia 10 de junho de 2018, data da celebração oficial de sua beatificação.

Quem é a venerável Adela Batz de Trenquelléon? Sua vida tão curta (1789-1828) provavelmente é pouco conhecida. Ainda que se trata de uma história apaixonante, partilhar das típicas características das numerosas fundadoras de congregações religiosas femininas surgidas na França, depois da queda de Napoleão em 1814.

DA BAIXA NOBREZA RURAL

Como muitas destas intrépidas mulheres, tem sua origem na baixa nobreza rural. Nasceu em 1789, ano da Revolução Francesa, no castelo de Trenquelléon, no município de Feugarolles, ao oeste de Agén (FRANÇA). Seu pai, o barão Carlos de Batz de Trenquelléon, oficial superior na guarda francesa, seixava sua família e participa em 1791 na expedição do príncipe de Condé para restaurar a monarquia absoluta. Fracassada a expedição, vê-se obrigado a refugiar-se na Inglaterra. Entre os anos de 1793-1796 vive uma situação de instabilidade no castelo: roubos, registros oficiais. Adela manifesta por primeira vez seu desejo de tornar-se carmelita descalça. Em 1797 sai para o exílio com sua mãe e seu irmão menor, Carlos: primeiro Espanha, em Tolosa (Guipúzcoa); logo, em 1798, passam a Portugal, instalando-se em Bragança. Em 1800 a família volta à Espanha e se instala em San Sebastián. Finalmente em 1801 a família regressa à França, ao castelo de Trenquelléon.

UM GRUPO DE AMIGAS, GERME DA FUTURA CONGREGAÇÃO

Como sucedeu em numerosas vocações até pouco tempo, a influência da família foi um fator decisivo. Em 1802, Adela manifesta novamente o desejo de tornar-se carmelita. Por sua curta idade, sua mãe consegue dissuade a ideia, mas também a aconselha. Com a ajuda do senhor Ducourneau, preceptor de seu irmão, escreve um "Regulamento de vida". Em 1804, animadas pelo senhor Ducourneau, Adela e sua amiga Joana "Dicherette", fundam a

“Pequena Associação”, grupo espiritual de orações “para preparar-se à boa morte”. Não deixa de ser chamativo, mas assim era uma certa cultura espiritual da época, que alguns ainda conhecíamos ainda nos anos 50 do século passado. Não se pode pensar que este grupo de meninas passava o dia pensando na morte. O objetivo de sua associação era cuidar a vida de fé no meio do mundo, ajudando-se mutuamente mediante a oração e a prática das virtudes cristãs. Além disso, se comprometiam a atrair outras jovens e outros membros da Igreja.

VINCULAÇÃO ESPIRITUAL DESDE A JUVENTUDE COM SACERDOTES

Em 1807 será o sacerdote Juan Larribeau, o conselheiro da “Pequena Associação” e se converte também em diretor espiritual de Adela. Sob o impulso desta, a “Pequena Associação” progressa: de sete membros em 1805 passa a sessenta em 1808, entre os quais há vários sacerdotes da região de Agén.

1808: Adela tem quase vinte anos. Um jovem “de muito mérito e de alta posição social” a pede em matrimônio. Apesar do parecer favorável de seus pais e do exemplo de sua amiga Juana Diché, Adela renuncia com decisão e para sempre ao matrimônio. Em câmbio, esse ano será o princípio da correspondência com o pe. Chaminade. Este envia a Trenquelléon algumas informações sobre suas congregações marianas de Bordeaux, herdeiras das dos jesuítas.

A “Pequena Associação”, graças às diretrizes do pe. Chaminade, se estrutura como a Congregação Mariana Leiga de Bordeaux e sobretudo se impregna de seu espírito mariano. Mas, no ano seguinte Napoleão suprime as Congregações marianistas na França. A “Pequena Associação” não se vê afetada por esta medida, graças à habilidade de Adela e ao envio, quase clandestino, das cartas.

PREOCUPAÇÃO POR ENSINAR O CATECISMO ÀS CRIANÇAS

Em 1810 Adela cai gravemente enferma e sua vida corre grande risco. Cura-se, mas o sentimento da precariedade da vida se trona mais vivo nela. A ideia entrar para o Carmelo volta e ao mesmo tempo se compromete mais ativamente no apostolado: ensino do catecismo às crianças pobres na pequena escola, visita aos doentes, ajuda aos necessitados (ela chama “suas missões”). Ao mesmo tempo prossegue sua correspondência com suas amigas.

O “QUERIDO PROJETO”

Em suas cartas, entre os anos 1810-1813, à Pequena Associação, Adela fala, em termos umas vezes velados e outras, mais claros segundo o clima político, de levar para frente um “querido projeto”. Trata-se de formar entre ela e suas amigas uma comunidade religiosa, que tenha como fim a santificação pessoal de seus membros por meio da oração, o cumprimento dos três votos tradicionais de pobreza, castidade e obediência e o exercício das obras de caridade, para remediar a miséria moral e física das pessoas do campo.

Informado o pe. Chaminade convida Adela para ir a Bordeaux, onde ele iniciou algo parecido com os membros mais fervorosos – homens e mulheres – da Congregação leiga. Trata-se de um grupo “secreto” no interior da Congregação, cujos membros estão consagrados por votos privados, querendo ser uma “vida religiosa em meio do mundo”, sem sinais nem publicidades e ao serviço da missão da Congregação.

Em 1814 Adela informa ao pe. Chaminade sobre a evolução do “querido projeto”. O pe. Chaminade em princípio o aceita, mas por sua vez apresenta em várias cartas “seu próprio projeto”, amadurecido durante os quatorze anos que leva como missionário apostólico na França. Propõe a Adela e às suas amigas que se façam como ele, “missionárias” para multiplicar e cultivar entre o povo as congregações marianas. Este fim eminentemente apostólico precisa, melhorando-o, o objetivo do “querido projeto” de Adela.

A FUNDAÇÃO DAS FILHAS DE MARIA NO “REFÚGIO” DE AGEN: 1816

No início de janeiro de 1816, Adela comunica à suas amigas que aspiram à Vida Religiosa, que o padre Chaminade deseja receber uma carta pessoal de cada uma. Nesta carta devem indicar porque se sentem atraídas ao estado religioso e, eventualmente, as dificuldades que preveem encontrar. Finalmente no dia 25 de maio se estabelece a primeira comunidade das Filhas de Maria Imaculada formada por Adela e três amigas (Clementina Yannash, Juana Lion e Maria Treille) no antigo convento chamado “O Refúgio”. É a data fundacional das Filhas de Maria.

No dia 25 de julho de 1817, depois de quatorze meses de preparação, monsenhor Jacopy autoriza as irmãs a emissão de seus votos, mas sem cerimônia, no segredo do confessorário. O pe. Chaminade recebe estes votos. Terminou o noviciado da comunidade fundadora das Filhas de Maria. No dia 2 de outubro deste mesmo ano se fundará, na chácara “São Lourenço” de Bordeaux, a Companhia de Maria (“rama masculina de nosso Instituto”, segundo a Madre Adela).

